

Introdução

Representações do Islão consideradas insultuosas pelos países e crentes islâmicos, não sendo um fenómeno novo no Ocidente, intensificaram-se significativamente nos últimos anos, no seguimento do 11 de Setembro de 2001. Uma das representações que ficou singularmente célebre na Europa foi a dos *cartoons* publicados no jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* em Setembro de 2005 (onde surge caricaturada, entre outras, a figura do profeta Maomé ostentando um turbante em forma de bomba). A recusa do governo dinamarquês em dialogar com um grupo de embaixadores de países islâmicos sobre o caso, assim como a republicação dos *cartoons* em vários países europeus, em Fevereiro de 2006, gerou ondas de indignação em vários países do Médio Oriente, Europa, África e Ásia, desenhando um fenómeno com uma magnitude social e política que assumiu importantes dimensões na arena internacional.

Ter-se-á gerado um momento de tensão religiosa e política cujo insólito terá sido, porventura, o quanto o debate em torno deste evento venceu uma linha de demarcação – algo redutora e maniqueísta – entre o Islão e o Ocidente. Grosso modo, e com grande protagonismo, surgiu o debate entre aqueles que, defendendo a publicação dos *cartoons*, advogavam a liberdade de expressão como valor não-negociável, património da história civilizacional do Ocidente, e, por outro, os que sustentavam uma leitura informada pelas sensibilidades religiosas, culturais e históricas das comunidades islâmicas, dentro e fora da Europa. No entanto, a forma algo redutora como foi apresentada a controvérsia nos *media* – como se tratando da oposição entre a liberdade de expressão absoluta da parte da Europa e censura religiosa da parte do Islão, visto como lugar de obscurantismo – estreitou as potencialidades do debate. Como consequência, pouco se analisou o quanto, em alguns contextos, o momento forjado pelo embate em torno dos *cartoons* veio desestabilizar alguma eventual previsibilidade nos posicionamentos políticos. Grande parte da opinião pública ocidental, longe de se dividir entre os que

identificam uma cultura de belicidade e opressão como intrínseca ao Islão, e os que procuram separar moderados de extremistas (historicizando aquilo que nas acções ocidentais nutre os extremismos), evidenciou antes a construção de um imaginário sobre o Ocidente e a Europa. Nesse imaginário, foi central a concepção do lugar do Islão e dos muçulmanos na Europa.

Por entendermos que o debate em torno dos *cartoons* se encontrava circunscrito pelas facilidades do pensamento dicotómico e pelos perigos “totalizantes” do alinhamento civilizacional, contornos que a opinião pública portuguesa bem reflectiu, surgiu-nos a vontade de criar um momento de discussão que não só fosse substantivo – em termos históricos, culturais e políticos –, mas que permitisse pôr em diálogo diferentes perspectivas sobre esse imaginário europeu e a sua interacção com outras culturas e paradigmas sociopolíticos. Foi neste contexto que o Centro de Estudos Sociais procurou abrir um espaço de discussão sobre a controvérsia, organizando um debate, que aqui publicamos, e que ocorreu a 7 de Abril de 2006, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com o título *O Desenho das Civilizações: dos cartoons às conversas difíceis*.

Cremos que este debate foi bastante representativo de como a controvérsia dos *cartoons* foi construída em vários contextos ocidentais. Não obstante, ao abordar a controvérsia a partir do espaço público português, quisemos também evidenciar as variadas recepções à (re)publicação dos *cartoons* em diversos contextos europeus. Em Portugal, por exemplo, foi curioso verificar a hesitação de uma esquerda que, apesar de atreita a uma postura mais relativista, acabou por reconsiderar a sua posição a propósito da liberdade de expressão, exactamente por estar marcada por uma histórica luta contra os regimes totalitários e às suas costumeiras formas de censura. Em França, a construção duma identidade nacional baseada na história da república como laica, os acesos debates sobre o uso do lenço islâmico na escola, e os infelizmente célebres tumultos nos subúrbios parisienses (protagonizados por jovens de origem norte-africana, muitos deles muçulmanos) ocorridos poucos meses antes, vieram reforçar o sentimento de agonia do secularismo. No contexto britânico, o debate sucedeu a uma enorme mobilização da sociedade civil contra a invasão do Iraque, mas também a uma firme reacção social à antiga *fatwa* emitida na sequência da publicação dos *Versículos Satânicos* de Salman Rushdie em 1989. Estes acontecimentos da história recente de várias sociedades europeias ajudam a entender a forma como a controvérsia foi sendo construída. Incidindo tanto sobre a publicação dos *cartoons* como sobre as reacções sociais e políticas que estes suscitaram, a ênfase foi sendo colocada ora no perigar da liberdade de expressão e da ideologia secularista, ora na ofensa religiosa – uma blasfémia semelhante à de

incendiar de um crucifixo –, ora ainda na falta de integração da comunidade muçulmana europeia.

Nos países árabes em que surgiram as manifestações, cujo corolário de violência se deu com o incêndio de embaixadas europeias na Síria e Líbano, há certamente que considerar a hipótese de um incentivo, ou pelo menos conivência, por parte de algumas lideranças políticas, no sentido de permitir a eclosão das mediatizadas expressões de violência. Não obstante, seria gravoso negligenciar o quanto as ondas de indignação se formaram face à percebida agressão a um símbolo maior da fé islâmica: a figura de Maomé, cuja mera figuração é passível de ser apreendida enquanto ofensiva. Factor obviamente acrescido pela origem ocidental dos *cartoons* com “textos” pouco abonatórios daqueles que se revêem em Maomé, num quadro sócio-histórico inevitavelmente informado pelas tensões do pós-11 de Setembro e pela invasão do Iraque. Aliás, a publicação dos *cartoons* foi lida por alguns sectores da população muçulmana europeia (sobretudo jovens e académicos) como um acto racista, sendo ilustrativa da história de conflitos e contactos entre o Islão e o Cristianismo. Na perspectiva destes, não seria então a liberdade de expressão no Ocidente que estaria em causa (dado que ela não é absoluta). Seria antes necessário interrogar o quanto a forma como foi construído e polarizado o debate resultou na ocultação da situação de marginalização dos muçulmanos.

Desde então, a controvérsia gerada em torno da publicação dos *cartoons* veio gerar um enorme interesse académico, em áreas tão diversas como as Ciências Políticas, Filosofia, Sociologia, Relações Internacionais, Estudos sobre os *Media* e Comunicação. Por outro lado, este incidente e as suas repercussões culturais e políticas multiplicaram-se noutros acontecimentos que suscitaram questões e debates semelhantes na esfera pública portuguesa e europeia. Em Setembro de 2006, por exemplo, surgiu a notícia do cancelamento da estreia da ópera “Idomeneo” de Mozart em Berlim, e da suspensão do ritual de fazer explodir fantoches simbolizando Maomé durante festividades populares anuais em Bocairent, uma pequena localidade espanhola. Estes episódios reavivaram os mesmos debates, contrapondo argumentos entre, de um lado, o suposto medo europeu de reacções de fundamentalistas islâmicos, que começaria a limitar a liberdade de expressão e a modificar heranças culturais europeias, e, do outro, a sensibilidade e o respeito pelo Outro na sequência de uma suposta “lição” resultante da controvérsia dos *cartoons*. Na mesma altura, a palestra proferida pelo Papa Bento XVI na Universidade de Regensburg, na Alemanha, exacerbou sensibilidades de muçulmanos dentro e fora da Europa, que exigiram um pedido de desculpa do Sumo

Pontífice pelo uso de uma citação considerada anti-islâmica. Já em Novembro desse ano, o mesmo Papa, numa visita à Turquia marcada pelo debate sobre a sua entrada na União Europeia (debate que havia sido reacendido por um relatório europeu desfavorável a essa integração), encetou todos os esforços para tentar amenizar as crispações de parte a parte, indiciando que existem efectivamente longos diálogos e vários debates a explorar entre as civilizações cristã e islâmica.

Numa reflexão posterior, parece-nos que a controvérsia suscita efectivamente dúvidas e questões, mas, principalmente, evidencia convicções e sensibilidades sobre imaginários que, individual ou colectivamente, se tentam afirmar como soberanos, gerando tensões à escala global. Partindo da interrogação sobre se a controvérsia dos *cartoons* coloca de forma evidente uma tentativa de desenhar diferentes civilizações, perspectivámos, igualmente, que este debate pudesse servir a uma contextualização do paradigma sociopolítico criado pela identificação da “ameaça terrorista”. Várias outras questões poderiam ser colocadas. Haverá limites para a liberdade de expressão? Quem tem o poder de definir o que constitui ofensa ou blasfémia? Será este o fim anunciado do multiculturalismo? Que tipo de pluralismo democrático estão as sociedades Europeias a construir? Em sociedades auto-representadas laicas, qual o espaço da religião na construção de identidades? Todas estas questões convocam debates de grande profundidade epistemológica e pertinência sociopolítica.

Cremos ter sido um debate interdisciplinar extremamente profícuo e de grande actualidade, que aqui tentamos reproduzir. Nele participaram oradores de reconhecido mérito nacional e internacional, designadamente: Boaventura de Sousa Santos (CES), Adel Sidarus (Universidade de Évora), José Pacheco Pereira (ISCTE), Isabel Allegro Magalhães (Universidade Nova de Lisboa), Mostafa Zekri (Universidade Nova de Lisboa e Universidade Lusófona) e Maria Irene Ramalho (CES), como moderadora. Por um lado, ao convidar especialistas em áreas diversas como a Sociologia, a História, a Literatura, os Estudos Islâmicos e a Antropologia, ambicionámos ampliar os termos de referência do debate. Por outro, ao centrar a discussão em Portugal, propusemos ter em conta as particularidades da sua situação geopolítica, construída como *fronteira* entre o Islão e o Ocidente.

Organização deste número

Este número dos *e-cadernos ces* é composto por quatro partes. A primeira inclui as intervenções dos participantes pela ordem de apresentação. Na sua maioria, os textos foram revistos pelos respectivos autores de modo a adaptar as suas intervenções a uma publicação escrita. Uma segunda parte contém as transcrições

das intervenções da plateia, incluindo questões, opiniões, observações, ou mesmo provocações. Devido ao elevado número de solicitações do público na altura, foram agrupadas todas as intervenções do público a que os convidados responderam no final. São estas respostas que reproduzimos na terceira parte. A segunda e a terceira partes são, portanto, mais explicitamente transcrições do debate ocorrido entre o público e os convidados. Na última parte, incluímos textos de autores internacionais de reconhecido mérito que investigam sobre a temática aqui abordada. Pensámos que seria fundamental, numa publicação como esta, problematizar de forma mais aprofundada algumas questões teórico-conceituais, assim como ampliar os termos do debate e actualizar a discussão. Neste sentido, o artigo de Tina Gudrun Jensen analisa o contexto dinamarquês no qual se construiu o debate sobre os *cartoons*, permitindo uma compreensão mais aprofundada de como a controvérsia veio pôr em evidência as tensões existentes entre uma realidade social cada vez mais diversa e um ideal igualitário anti-diferencialista que revelou a persistência do assimilacionismo como forma de regulação da diferença. De seguida, é analisado o conceito de islamofobia, muito em voga no contexto europeu pós-11 de Setembro de 2001. Situando o conceito historicamente, AbdoolKarim Vakil analisa a genealogia do seu uso argumentando que este foi sendo e é construído e usado a partir de uma perspectiva islâmica, ao contrário do que a sua generalização recente poderá fazer crer. O autor defende que o conceito tem sido central na construção política de uma ideia de “sujeito muçulmano” na Europa, não representando uma mera descrição de um “novo fenómeno”, como frequentemente se assume. Por fim, S. Sayyid – a partir do contexto britânico - coloca a chamada “questão muçulmana” no panorama mais amplo da construção de um imaginário europeu. Discutindo a prevalência de um “imaginário imigrante” na política e na academia, Sayyid analisa o impacto desta narrativa na construção de uma ideia de Europa e da sua relação com o Islão e os muçulmanos.

Consideramos que este é um ponto de partida, e não uma chegada, a respostas definitivas para as incertezas que vão continuar a suceder-se numa altura de transição paradigmática. Nesse sentido, o Centro de Estudos Sociais tem vindo a propiciar outros momentos de discussão para aprofundar questões epistemológicas como as levantadas por este episódio, com consequências não só para as ciências sociais e humanas, mas também para a vida pública e privada das cidadãs e cidadãos de uma Europa que se apresenta, sob todos os prismas, cada vez mais plural.

Marta Araújo, Marisa Matias, Hélia Santos e Bruno Sena Martins